

A LINGUAGEM DA ARTE NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR.

TATYANE ANDRADE ALMEIDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS).

Resumo

No mundo globalizado em que vivemos, presenciamos o avanço das tecnologias e a difusão da informação e da imagem em larga escala, que frequentemente, ao invés de promover a democratização do conhecimento, têm sido usadas como mecanismos de dominação ideológica canalizada para o consumo. Trata-se de uma perspectiva que tende a desvalorizar a subjetividade humana, a fim de promover uma homogeneização das formas de pensar e da concepção de mundo. A consequência disso é a massificação do sentido da vida e o surgimento de uma sociedade monótona e preconceituosa com o que lhe é diferente. Entretanto, contrariando essa tendência, persiste a capacidade criadora do homem, a mesma que o possibilitou criar e diversificar as formas de viver e que se manifesta na constante reinvenção das linguagens. Daí a necessidade de se promover uma formação que possibilite aos educadores (e educandos) realizar uma leitura crítica, sensível e criativa do mundo em que vivemos, resignificando-o e, ao mesmo tempo, favorecendo a apreensão e a utilização eficiente das fontes de conhecimento proporcionadas pelo avanço das múltiplas tecnologias. Essa leitura se torna efetiva a partir da ampliação do conceito de inteligência, que rompe com a supervalorização de uma racionalidade instrumental e abre espaço para o desenvolvimento da totalidade das capacidades e habilidades humanas. É nessa dimensão que encontramos a arte enquanto campo da expressão singular, capaz de escapar dos limites dessa massificação, de articular saberes e de contribuir para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do cidadão tornando-o apto a intervir de forma crítica e sensível no mundo que o cerca. Neste trabalho procuramos refletir sobre os resultados das disciplinas de arte no nosso curso de pedagogia, proposta curricular recente que vem ao encontro dessas demandas para possibilitar ao educador atuar de forma sensível e criativa, ajustando suas práticas pedagógicas a essas novas realidades.

Palavras-chave:

Formação docente, Arte linguagem, Leitura e criatividade.

A proposta deste artigo surgiu após uma recente mudança curricular no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a inclusão de duas disciplinas de arte: Arte no Ensino Fundamental e Arte na Educação Infantil. No primeiro semestre de 2009 foi oferecida, pela primeira vez, a disciplina Arte no Ensino Fundamental aos alunos de seis turmas do curso, incluindo a minha. E como tenho grande interesse pelo tema arte-educação, a proposta deste artigo também foi motivada pela vontade de fazer um estudo mais aprofundado sobre a importância da arte na formação do educador. Para compreender essa importância, e em parte também para justificá-la, procuro estabelecer uma conexão entre a arte-educação e o contexto cultural no qual estamos inseridos atualmente.

Vivemos em mundo globalizado, em que presenciamos o avanço das tecnologias e a difusão da informação e da imagem em larga escala, o que ampliou enormemente as possibilidades de comunicação, especialmente através da televisão e da internet, propiciando acesso a informações de diversas partes do mundo em tempo real. Em se tratando de um processo complexo, os reflexos da globalização têm sido diversos e, às vezes, até mesmo contraditórios. Para Deise Mancebo (2002):

a "globalização cultural - tem se apresentado como uma estratégia central de garantia desta "nova" ordem, evocando por um lado imagens que fazem alusão à homogeneidade e integração mundial, ao mesmo tempo que outras análises destacam os antagonismos, diferenciações e contradições provocadas pela mundialização da cultura (p. 289).

Embora o propósito da comunicação em massa traduzisse "um certo viés democratizante, pois implicava a noção de que o conteúdo mediatizado resultava de uma escolha feita livremente pelas próprias 'massas'" (Mancebo, 2002: 290), grande parte das informações veiculadas pelos *mass media* têm sido usadas como mecanismos de dominação ideológica canalizada para o consumo. É partindo desse ponto de vista que se fala em homogeneização cultural já que

a expansão da produção capitalista (...) necessitou da construção de novos mercados e da "educação" das massas consumidoras para mercadorias - culturais ou não - massificadas e homogeneizadas. A lógica da mercadoria e da racionalidade instrumental invadia o consumo, as atividades de lazer, a arte e a cultura, de modo que a recepção cultural tornou-se condicionada pelo valor de troca, na mesma medida em que os valores e propósitos mais elevados da cultura sucumbiram (Mancebo, 2002: 291).

A cultura tem sido usada como uma das mais perfeitas expressões do capitalismo, que produz estilos de vida que nos levam a consumir os mesmos livros, os mesmos filmes, as mesmas músicas, as mesmas roupas, as mesmas comidas etc.

Desta forma, a indústria cultural, ao mesmo tempo em que desvaloriza os produtos culturais através da homogeneização e da produção com fins meramente lucrativos, seria responsável pela despotencialização da capacidade crítica dos indivíduos, educando-os apenas para a conservação e o consumo (Mancebo, 2002: 290).

Mas a lógica capitalista produz realidades ainda mais perversas. Apesar do discurso democrático de uma cultura única e integrada, o que se observa são o aumento e a perpetuação das desigualdades, a criação de uma elite cada vez mais concentradora de riquezas e centralizadora de saberes. Há uma hierarquização na valorização das formas culturais.

Marcada por um profundo racionalismo, predomina, em nossa sociedade contemporânea, a cultura do intelectual, que privilegia a leitura e a escrita e o conhecimento livresco, especializado, como fonte de informação e conhecimento. Isso fica evidente quando, pelo

contraste entre o facilitário da comunicação eletrônica ou da comunicação oral e a complexidade da escrita, acabam ainda sendo mais valorizados os textos impressos, os livros, em particular, e seus leitores. Estes optam pelo mais "difícil" e, por ser a escrita mais difícil de entender, seria possivelmente mais importante que os outros meios. Esse tipo de raciocínio, comum entre a população letrada e, sem dúvida, estimulado pelos intelectuais, resulta ser um dos fatores maiores de sustentação do culto das letras e dos livros (Martins, 1988: 45-46).

O intelectualismo passar a ditar regras e nos apontam determinadas manifestações culturais como sendo legítimas, colocando os letrados na condição de

os únicos capazes, seja de criar e compreender a linguagem artística, seja de ditar leis, estabelecer normas e valores sociais e culturais. Isso de fato determina prerrogativas difíceis de se abrir mão, pois são diferenciadoras, indícios de que se pertence a uma elite. Cabendo a essa minoria o "direito" de dar sentido ao mundo, enquanto aos demais resta a submissão aos ditames dos que "sabem das coisas" (Martins, 1988: 23-24).

Ainda que se tenha democratizado o acesso à informação e ao conhecimento, a produção do conhecimento ainda fica restrita a essa elite intelectual e, ainda que os meios de comunicação em massa transmitam "produções da alta cultura, fazem-no de forma já 'digerida', resultando em conteúdos que não demandam nenhum esforço intelectual para a 'fruição' da mensagem" (Mancebo, 2002: 290). Há uma cisão entre a cultura intelectual e a cultura popular, de massa, que passa a ser profundamente desvalorizada e até mesmo discriminada.

Porém, nenhum dos efeitos da globalização cultural é recebido sem que haja, ao menos por parte de alguns, um movimento de resistência e de transgressão da ordem imposta. Ou seja, persiste a capacidade criadora do homem, a mesma que o possibilitou criar e diversificar as formas de viver e que se manifesta na constante reinvenção das linguagens.

É preciso que se busquem também, neste contexto, as manipulações realizadas pelos usuários da cultura e as "artes" que surgem no meio popular. É preciso identificar

que procedimentos populares (também "minúsculos" e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los, enfim, que "maneiras de fazer" formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou dominados?) (Certeau[1] *apud* Mancebo, 2002: 293).

Outro aspecto importante que a globalização cultural apresenta é o contato com culturas diversas, de diversas partes do mundo, propiciado pelos mesmos meios de comunicação. Convive-se, constantemente, com múltiplos saberes, valores e modos de vida, múltiplas concepções do mundo e múltiplas formas de atuação no mundo. Argumenta-se que tal integração pode proporcionar uma revisão de nossos próprios valores e uma desmitificação do nosso modo de pensar. Propicia

um cenário para a expressão e a expansão das diferenças. Assim, o conhecimento de culturas de nações distintas, promovido em larga escala pelos *mass media*, pode gerar efeitos diversos, como uma maior consciência da diversidade dos estilos de vida encontrados no mundo, a ampliação da compreensão da própria sociedade e cultura nas quais os indivíduos se encontram envolvidos e, até mesmo, movimentos de fechamento de grupos para reforçar identidades - étnicas, geopolítica, de gêneros, dentre outras -, que se sentem ameaçadas (Mancebo, 2002: 292).

Porém, é preciso ter cuidado para que não ocorra o abandono dos padrões estéticos próprios de um povo em favor de padrões estrangeiros, o que poderia levar à produção de uma cultura amorfa e inexpressiva. Especialmente porque, através da globalização cultural

a moderna civilização industrial (especialmente com relação aos países hegemônicos) tem penetrado em diferentes culturas com o

intuito de amoldar-lhes os sentimentos. E isto com a finalidade de condicionar e formar novos mercados para os seus produtos, para a sua dominação econômica (Duarte Júnior, 2008: 71).

Conclui-se que as identidades culturais são profundamente afetadas pelas ambigüidades e diversidades provocadas pelo processo global, especialmente pelos avançados meios de comunicação e as velozes transformações culturais.

É importante destacar que se alteram, percorrem um complexo processo de redefinições em diferentes níveis, açambarcando diretamente os sujeitos envolvidos. Nessas circunstâncias, há um certo consenso nas diversas análises, que aponta para o fato das subjetividades contemporâneas se apresentarem fortemente afetadas pelas mudanças globais na esfera cultural (Mancebo, 2002: 290).

Diante de um processo tão complexo e multifacetado, é imprescindível romper com os efeitos negativos da globalização através de uma leitura crítica, sensível e criativa do mundo em que vivemos, ressignificando-o, e, ao mesmo tempo, favorecer a apreensão e a utilização eficiente das fontes de conhecimento proporcionadas pelo avanço das múltiplas tecnologias.

Aqui, é necessário que se considere a leitura como

um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (Martins, 1988: 29-30).

E é na educação que encontramos o caminho, seja para a perpetuação, seja para a transformação da realidade em que vivemos. Daí a importância de se promover uma educação estética através de manifestações artísticas, que, enquanto campo de expressão singular, é capaz de escapar dos limites dessa massificação, de articular saberes e de contribuir para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do cidadão tornando-o apto a intervir de forma crítica e sensível no mundo que o cerca.

Em nossa atual civilização (antiestética por excelência), consciência estética significa uma *capacidade de escolha*, uma *capacidade crítica* para não apenas se submeter à imposição de valores e sentidos, mas para selecioná-los e recriá-los segundo nossa situação existencial (Duarte Júnior, 2008: 73-74).

Na experiência estética, a imaginação amplia os limites impostos pela inteligência, propondo novas realidades possíveis, rompendo com modelos impositivos e totalitários, permitindo ao indivíduo fazer uma leitura crítica daquilo que o cerca e construir, criar, agir para transformar o mundo que o cerca.

Mas a escola não está imune às influências de nossa sociedade industrializada e racionalista. Temos ouvido constantemente o discurso de que a escola reproduz uma visão de mundo conservadora e totalitária, a serviço das ideologias do capital.

O intelectualismo de nossa civilização - reforçado no ambiente escolar - torna relevante apenas aquilo que é concebido racionalmente, logicamente. Deve-se aprender aqueles conceitos já

"prontos", "objetivos", que a escola veicula a todos, indistintamente, sem levar em conta as características existenciais de cada um. Nesse processo, os educandos não têm oportunidade de elaborar sua "visão de mundo", com base em suas próprias percepções e sentimentos (Duarte Júnior, 2008: 66).

Privilegia-se uma formação ligada à cultura escrita, "livresca e defasada em relação à realidade" (Martins, 1988: 27), alijando da experiência cultural "os milhões de analfabetos espalhados pelo país ou os iletrados que não costumam ter na escrita sua referência cotidiana" (Martins, 1988: 28). Dessa forma, o saber ler e escrever cria uma elite cultural, a dos letrados, e se transforma com frequência em mais um instrumento de poder.

Embora o sistema educacional venha passando por profundas transformações, muitas, inclusive, influenciadas pela globalização cultural, permanece o modelo impositivo de educação. Uma educação que desconsidera o *background* de seus estudantes, que, ao pretender homogeneizar, aliena, nega o direito de escolha, de participação ativa e consciente de seus alunos na realidade que os cercam. Uma educação em que as singularidades dos indivíduos se perdem.

Educar pela arte é ampliar o conceito de inteligência, é reconhecer que "o intelecto não é a única via de conhecimento" (Blauth, 2007: 41). É romper com um modelo de educação excessivamente formal e tecnicista, baseado na fragmentação entre o pensar e o sentir.

Hipertrofiando a razão gera-se, dialeticamente, um profundo irracionalismo, na medida em que os valores e as emoções não possuem canais para serem expressos e se desenvolverem. Assim, a dança, a festa, a arte, o ritual, são afastados de nosso cotidiano, que vai sendo preenchido apenas com o trabalho utilitário, não-criativo, alienante. A forma de expressão das emoções torna-se a violência, o ódio, a ira - somente a violência pode fazer vibrar nossos nervos, enrijecidos pelo trabalho sem sentido. O indivíduo *isolado* torna-se o valor supremo, e cada qual deve lutar contra os outros, em favor de seu progresso e de suas propriedades (Duarte Júnior, 2008: 64).

A arte, enquanto campo de expressão dos sentimentos, nos desperta para o nosso próprio processo de sentir. E ao nos colocar em contato com nossos sentimentos nos permite também educá-los.

a arte não possibilita apenas um meio de acesso ao mundo dos sentimentos, mas também o seu desenvolvimento, a sua educação. Como, então, podem ser educados e desenvolvidos os sentimentos? Da mesma forma que o pensamento lógico, racional, se aprimora com a utilização constante de símbolos lógicos (lingüísticos, matemáticos etc.), os sentimentos se refinam pela convivência com os Símbolos da arte. O contato com obras de arte conduz à familiaridade com os Símbolos do sentimento, propiciando o seu aprimoramento (Duarte Júnior, 2008: 66).[2]

O conhecimento da cultura, através de múltiplas manifestações artísticas, permite ao sujeito conhecer-se a si mesmo, percebe-se como ser histórico que tem um passado ao qual está conectado e é capaz de intervir transformando o futuro, reflete sobre suas concepções e idéias, escolhe criticamente seus princípios, supera preconceitos e age socialmente para transformar a sociedade da qual faz parte.

O conhecimento de si e do mundo a partir das múltiplas dimensões culturais e artísticas permite ao sujeito se contextualizar, ler criticamente a realidade e agir criativamente, tornando-se dirigente da própria história e de sua cultura. Permite "inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de 'ler pelos olhos de outrem'" (Martins, 1988: 23).

O desenvolvimento das próprias potencialidades criativas propicia a percepção e a análise crítica, também, das potencialidades do outro, oportunizando ao indivíduo tomar um posicionamento mais participativo e transformador da realidade, de forma mais consciente e humana. E a arte é uma das vias do conhecimento que auxilia o ser humano a identificar os sentidos e os significados acerca das suas semelhanças e diferenças (Blauth, 2007: 42).

Nesse sentido, a globalização cultural apresenta um aspecto positivo:

a intensidade e rapidez dos fluxos de informações, garantidas pelo avançado desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, e que desempenham papel fundamental na revelação da existência de múltiplas culturas, levam sujeitos, grupos e comunidades a se depararem com outras e novas culturas, conduzem, fortuitamente, ao aparecimento de novas culturas, provocando, ainda, uma tolerância cada vez maior à diversidade (Mancebo, 2002: 294).

Tendo acesso a outros contextos histórico-culturais colocamos em dúvida valores, posições, preconceitos, concepções de mundo. Nosso modo de pensar se desmitifica, e temos a oportunidade de ler e reler o mundo além das aparências, além dos modelos instituídos.

Apesar disso, o contato com o diferente não implica, necessariamente, uma maior tolerância ao estranho e ao mal-estar que isso provoca. Ao contrário, muitas vezes tem promovido desestabilização exacerbada e sentimentos de vazio de sentido e de valor.

Não raro também, assiste-se à vivência de falta de objetivos, fracasso, despersonalização e loucura. Além disso, (...) a sensação de pertencer a um lugar ou grupo é um grande problema: é sua preocupação diária... estamos sempre e em toda parte parcialmente desalojados e deslocados. Assim, pôr-se em contato com novas e múltiplas realidades, ao invés de desenvolver um movimento produtivo e inovador, desencandearia uma vivência traumática diante do desassossego trazido pela desestabilização (Mancebo, 2002: 294).

Ter a arte por mediadora deste contato com a diversidade cultural se torna essencial, já que através do conhecimento das produções artísticas de outras culturas, torna-se mais fácil o entendimento de seus valores e concepções de mundo. Na leitura emocional proporcionada pela arte manifesta-se a empatia, a possibilidade de ver, de sentir por meio da apreciação do outro. O resultado são seres humanos mais compreensivos e tolerantes, mais sensíveis ante o outro e o mundo.

A escola e o educador têm papel fundamental na construção dessa sociedade mais sensível, diversificada e humana.

Para discutirmos a disseminação de uma possível educação estética acerca das diferentes manifestações expressivas da arte, precisamos

levar em conta o fato de que essa ampliação do conhecimento perpassa pelo educador e pelo aluno. Ou seja, de um lado os educadores vêm munidos de conceitos e preconceitos estéticos, refletindo os seus próprios códigos acerca dos valores culturais, e, de outro, os alunos provenientes de diferentes espaços e realidades também manifestam em suas experiências as suas vivências culturais, nas suas semelhanças e diferenças étnicas, de gênero, níveis sociais, etc. (Blauth, 2007: 42).

Mas, é preciso romper com o modelo de educação estética que favorece apenas a reprodução de estereótipos. O educador deve estimular o "aluno a ser mais perceptivo e criativo diante das múltiplas diversidades, desigualdades e limitações" (Blauth, 2007: 44). Ambos, educador e aluno, precisam compreender que

nenhum grupo racial, cultural, ou de qualquer nacionalidade, é superior a outro, assim como as manifestações expressivas de nenhum grupo são também superiores às de outro, e que a igualdade de oportunidades, seja no espaço escolar ou fora dele, é um direito de todos e independe das diferenças étnicas, sociais, econômicas, religiosas, habilidades físicas, etc. (Blauth, 2007: 44).

Dessa forma, a educação através da arte pode afigurar-se como agente de transformação social, já que a cultura não pertence a um grupo específico, mas a toda a humanidade. E, enquanto fruto do devir humano, é também conhecimento. Conhecer é apreender o mundo e essa não é uma tarefa solitária, o conhecimento se constrói no processo educativo.

O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, (...) é tarefa de seres humanos. É tarefa por excelência de educadores (Rios, 2001: 24).

Para tanto, é necessário que também o educador possa encontrar na arte um caminho para sua própria leitura de mundo, compreensão da realidade e desenvolvimento de sua sensibilidade e criatividade. É preciso que saiba dialogar com a diversidade, que possa se despir de seus preconceitos, que saiba valorizar as experiências e vivências de seus alunos. É preciso que se afaste de

uma concepção de ensino marcada por uma valorização hipertrofiada da razão, como instrumento superior de construção de conhecimento. Se a educação é um processo contínuo de um saber ampliado e aprofundado, de um viver inteiro, é preciso que os indivíduos estejam inteiros nessa busca. Ao lado da razão, a imaginação, os sentimentos, os sentidos são instrumentos de atuação na realidade e criação de saberes e valores (Rios, 2001: 60-61).

Mas como os educadores podem estimular seus alunos a terem uma postura sensível e criativa se, muitas vezes, os próprios educadores não aprenderam a ter essa mesma postura? Para que arte-educação seja possível, é necessário que se busque saberes que possam subsidiar a prática do educador. É necessário que se promova tanto a vivência pelo professor do processo criativo e das múltiplas manifestações artísticas como a instrumentação teórica sobre arte, arte-educação e ensino da arte.

Por isso, volto a falar do curso de Pedagogia da UFMG e da disciplina que tive oportunidade de presenciar. Com o intuito de contribuir com uma formação mais ampla de seus alunos, proporcionando vivências de diversos fazeres artísticos, a

disciplina Arte no Ensino Fundamental foi dividida em três módulos: Música, Teatro e Artes Visuais. Foram apresentados tanto conteúdos teóricos quanto atividades práticas, como, leitura de obras das artes plásticas, dinâmicas e jogos teatrais, trabalhos manuais, visitas a museus, cantigas e danças, etc.

Depoimentos de alguns alunos sobre expectativas e contribuições da disciplina revelaram que suas expectativas giravam em torno de conhecer recursos didáticos para ensinar artes (plásticas) na sala de aula ou de aulas teóricas sobre História da Arte. Após terem concluído a disciplina, as opiniões dos alunos apontavam em direção à importância da vivência (pessoal) das manifestações artísticas, à ampliação do olhar sobre a arte e sobre a educação, à descoberta do corpo (esquecido ante o domínio da mente, da razão) e à vontade de saber mais, de ir além do que foi proposto.

Percebe-se que a arte-educação na formação do educador é essencial para desconstruir conceitos como o tecnicismo e o racionalismo, para promover uma educação do olhar e um despertar do corpo e de outras dimensões humanas, que, ao contrário das tendências de nossa sociedade, não estão desvinculadas do saber.

A arte na formação do educador

pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional considerando-o não apenas como transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano. Um processo que envolve a criação de um sentido para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares (Duarte Júnior, 2008: 72).

Referências:

BLAUTH, Lurdi. Arte e ensino: uma possível educação estética. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p. 41-49, jun. 2007. Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/{88EB6EF5-767F-414D-9568-01E33D85749F}_Miolo_Em_Aberto_77.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2009.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 87 p.

MANCIBO, Deise. Globalização, cultura e subjetividade: discussão a partir dos meios de comunicação de massa. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 18, n. 3, dez. 2002. Disponível em . Acesso em: 19 jul. 2009.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. v. 74.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar:** por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001. 143 p.

[1] CERTEAU, M. (1994). **A invenção do cotidiano 1:** artes de fazer. 5.ed. Petrópolis: Vozes.

[2] A palavra símbolo aqui é grafada com a inicial maiúscula já que o autor não considera a arte como um símbolo verdadeiro, como o são os lingüísticos, "já que *simboliza apenas e tão somente os sentimentos que existem nela própria*" (Duarte Júnior, 2008: 46).